

EDUCAÇÃO, MUSEOLOGIA E INCLUSÃO: UM OLHAR PARA AS PESQUISAS EM MUSEUS DA AMAZÔNIA PARAENSE

EDUCATION, MUSEOLOGY AND INCLUSION: A FOCUS FOR RESEARCH IN MUSEUMS IN THE AMAZON OF PARÁ

Huber Kline Guedes Lobato
UFPA

Resumo

A escrita deste artigo estabelece uma relação teórica entre educação, museologia e inclusão/acessibilidade. O objetivo é estabelecer o diálogo acerca da educação, da museologia e da inclusão mediante a análise de pesquisas em museus da Amazônia paraense. Realizou-se um levantamento de teses e dissertações no portal da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no íterim de 2014 a 2024. Percebe-se que há uma incipiência de pesquisas, nas pós-graduações *stricto sensu*, sobre a inclusão e a acessibilidades dos museus da Amazônia paraense.

Palavras-chave:

Educação Inclusiva; Museologia; Amazônia.

Abstract

This article makes a theoretical relationship between education, museology and inclusion/ accessibility. The objective is to dialogue about education, museology and inclusion by analyzing research on museums in the Amazon of Pará. An investigation was carried out on theses and dissertations from the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and the Coordination of Superior Level Staff Improvement (CAPES) between 2014 and 2024. So, there is little research, in postgraduate studies (master's and doctorate) on inclusion and accessibility of museums in the Amazon of Pará.

Keywords:

Educational inclusion. Museology. Amazon.

INTRODUÇÃO

As reflexões neste texto originaram-se da atuação enquanto Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) em um espaço museal ou patrimônio musealizado¹ - parque zoobotânico - na cidade de Belém do Pará em abril de 2024. Na ocasião fui convidado para mediar a comunicação entre surdos e ouvintes na culminância de um projeto de extensão voltado à participação de crianças em estudos científicos do referido espaço museal.

Fui informado que nesse lugar não havia Tradutor e Intérprete de Libras, por isso aceitei o convite para atuar, voluntariamente, durante essa ação do projeto de extensão. Assim, passei a refletir acerca da relevância, necessidade e urgência da promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência nos museus da Amazônia, sobretudo nos museus da Amazônia paraense.

Mas é importante pensarmos: quais os principais museus da Amazônia? Por exemplo, o Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva em Macapá ou Museu da Memória Rondoniense em Porto

Velho são espaços inclusivos? Em relação à Amazônia paraense: o Museu do Forte do Presépio em Belém; o Centro Cultural João Fona em Santarém; o Museu Municipal de Marabá ou o Museu do Marajó em Cachoeira do Arari, são ambientes que possuem acessibilidade arquitetônica ou comunicacional?

A pesquisa de Oliveira (2023) apresenta alguns dados numéricos sobre os museus do Norte do Brasil. Tais dados foram obtidos na plataforma MuseusBr, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Nessa plataforma há informações sobre os museus brasileiros. Assim, há o número de museus no Norte: Acre (23); Amazonas (46); Amapá (8); Pará (57); Rondônia (19); Roraima (4); Tocantins (18). Em relação ao status dos museus da região Norte: museus abertos (155) e museus fechados (20). Perguntamos: esses museus são inclusivos/acessíveis à pessoa com deficiência? Há pesquisas sobre acessibilidade nesses museus?

Embora possamos encontrar artigos acadêmicos em revistas científicas e artigos acadêmicos em anais de eventos que abordem a presença de pessoas com deficiência em museus, ainda assim, pontuo que são poucas as pesquisas em níveis de mestrado e doutorado que interconectam os seguintes campos: educação, museologia e inclusão/acessibilidade. Especialmente no âmbito da Universidade Federal do Pará são incipientes as pesquisas que analisam se os museus do Pará são inclusivos/acessíveis para pessoas com deficiência.

Assim, o objetivo de nossa escrita nesse texto é promover o diálogo sobre educação, museologia e inclusão a partir de um olhar para as pesquisas em museus da Amazônia, especificamente, da Amazônia Paraense. A questão-problema é: qual a relação teórica entre educação, museologia e inclusão e de que forma a inclusão e, por sua vez, a acessibilidade se presentificam nos museus da Amazônia Paraense?

Efetivou-se um levantamento na plataforma da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a partir de um recorte temporal que compreende 2014 a 2024. Esse recorte foi escolhido por ser o intervalo da

produção acadêmica dos principais programas de pós-graduação da Universidade Federal do Pará, tais como o PPGARTES.

EDUCAÇÃO, MUSEOLOGIA E INCLUSÃO/ACESSIBILIDADE

A educação, além de um direito constitucionalmente adquirido, é um campo em que se concretizam práticas educativas voltadas a incutir no educando a produção de saberes e conhecimentos sobre o mundo e a vida. Esse campo, por ser constituído de relações humanas, consolida-se a partir de suas diferentes modalidades, tais como: informal, não-formal e formal.

Libâneo (2010, p. 86) considera a educação a partir de duas modalidades: “a educação não intencional, também chamada de educação informal ou, ainda, educação paralela; a educação intencional, que se desdobra em educação não-formal e formal”. É a partir dessas modalidades ou dimensões que podemos perceber um conjunto de práticas educativas significativas ao desenvolvimento de seus aprendizes. Para Gohn (2016, p. 60):

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, no bairro, no clube, durante o convívio com os amigos etc. -, carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas.

A educação não intencional tem *status* de informal, pois acontece no cotidiano social das pessoas. Assim, os fatores naturais, culturais, históricos, entre outros irão contribuir com essa educação. Já a educação intencional formal é a que acontece no seio das instituições educativas, como a escola, e a não formal é a que ocorre em ambientes “não escolares”, tais como os museus.

É o *status* de educação não formal que me interessa nesse texto, pois é a que se coaduna à compreensão de museologia - enquanto ciência que investiga a relação entre ser e realidade social a partir do ambiente museal. Segundo Gohn (2016, p. 61) dentre as “[...] agências de educação não formal no campo da cultura, encontram-se cinemas, galerias de arte, museus etc.”.

De acordo com Brulon e Magaldi (2020, p. 12) “poderíamos definir a Museologia como a área do saber que nos ajuda a fazer perguntas sobre os museus, a interrogá-los”. Assim, interrogar um museu, significa encará-lo como um fenômeno social, cultural e histórico que constitui o universo dos sujeitos que vivenciam aquele ambiente museal. Stránský (2020, p. 159):

Como eu vejo nos museus um modo específico de se apropriar da realidade não somente como tal, mas do ponto de vista axiológico do homem, das nações, da sociedade e de toda a humanidade, eu acredito que o objeto da museologia como ciência é justamente essa relação específica para com a realidade.

Stránský (2020, p. 159) pontua que “a museologia está ligada ao museu, por sua orientação gnosiológica”. A esfera museológica deve ser ampla, tanto historicamente quanto considerando o ponto de vista do presente ou do futuro. Com isso, museologia é um campo epistemológico que proporciona conhecimentos à prática museal. Assim, o museu promove a relação do ser humano com a realidade social.

Contudo, essa realidade social precisa ser inclusiva, acessível e anticapacitista, ou seja, uma educação que efetive a luta contra o preconceito direcionado às pessoas com deficiência. Busca-se práticas educativas de ruptura com a crença de que essas pessoas são incapazes de trabalhar, estudar e, até mesmo de viver, em sociedade. O capacitismo estabelece um padrão físico, normal, hegemônico. O padrão da classe dominante.

O sujeito com deficiência, então, está à margem da normalidade capacitista. Somando-se a isso, o capacitismo estabelece a não aceitação de gestos, de sotaques, de formas de falar diferente; estabelece a linguagem padrão e o monolinguísmo no caso dos surdos; (Oliveira; Oliveira, 2023). Cabe a educação anticapacitista concretizar-se nas escolas e, sobretudo, nos ambientes museais. Assim, os espaços escolares e não-escolares, tais como os museus, serão cada vez mais inclusivos.

METODOLOGIA

A pesquisa iniciou-se por meio do diálogo (conversa informal) com alguns discentes egressos do PPGArtes da UFPA com a intenção de saber quais pesquisas haviam sido efetivadas na Amazônia Paraense acerca das seguintes

temáticas: educação, museologia e inclusão/ acessibilidade. Não obtive uma resposta precisa com esse diálogo. Assim, resolvi fazer algumas buscas nas plataformas digitais:

Busca 1: levantamento no PPGArtes da UFPA a partir dos descritores: museu/museologia e inclusão. Esse levantamento foi realizado em dois momentos: inicialmente busquei as dissertações de mestrado em Artes; em seguida averigui dentre as teses do doutorado em Artes. Não encontrei resultados que sanassem o objetivo do levantamento.²

Busca 2: acessei o portal da BDTD. Utilizei três descritores: inclusão, museologia e acessibilidade. Obtive 11 resultados dos quais selecionei apenas os 4 a seguir (Quadro 1).

Busca 3: acessei o portal da BDTD. Utilizei dois descritores: museu e inclusão. Tive um resultado de 147 trabalhos, pois a busca deu-se para todos os campos. Sendo assim, mudei a busca apenas para o título. O resultado foi de 4 trabalhos, dos quais selecionei 2 (Quadro 2).

Busca 4: ainda no portal da BDTD utilizei dois descritores (museu e acessibilidade) e filtrei apenas o título das pesquisas. Obtive o resultado de 7 trabalhos. Selecionei 4 (Quadro 3).

Busca 5: no portal da BDTD utilizei outros três descritores: museu, inclusão e deficiência. Encontrei 6 trabalhos. Selecionei apenas 1 (Quadro 4).

Busca 6: por fim fiz a busca no portal de teses e dissertações da CAPES (Museu AND Deficiência AND Amazônia)³. Encontrei 2 pesquisas (Quadro 5).

Alguns trabalhos, mesmo trazendo a palavra inclusão no título ou resumo, referiam-se a inclusão relacionada à diversidade sociocultural ou à vulnerabilidade social. Destaco que o foco da pesquisa é sobre inclusão e acessibilidade em museus para pessoas com deficiência. Ressalto que no levantamento ainda fiz outras tentativas de buscas a partir de outros descritores, tais como: museu, museologia e deficiência, porém os resultados, quando não se repetiam, eram totalmente incompatíveis com os critérios de seleção da pesquisa.

Título	Autor(a)	Tipo	Ano	Região
1- Cultura e inclusão na educação em museus: processos de formação em mediação para educadores surdos	Margarete Oliveira	Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo	2015	Sudeste
2- Design universal na arquitetura de exposições museológicas: aspectos inclusivos sob a perspectiva do público	Paulo Roberto Sabino	Tese - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais	2017	Sudeste
3- Experiência de visitantes com deficiência visual na sala de física do museu de ciências da Universidade Estadual de Maringá	Samira Cassote Grandi	Dissertação-Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática da Universidade Estadual de Maringá	2017	Sul
4- Possibilidades de aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual nos museus de arte brasileiros	Larissa Foronda	Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo	2022	Sudeste

Quadro 1 - Dados da segunda busca.

Fonte: BDTD (2024).

Título	Autor(a)	Tipo	Ano	Região
5- A inclusão de surdos em museus de ciência: um estudo no Museu do Amanhã e no Museu da Vida	Andre Fillipe de Freitas Fernandes	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz - RJ	2019	Sudeste
6- A experiência de pessoas com deficiência visual: A acessibilidade e a inclusão no Museu da Geodiversidade (UFRJ) e na Casa da Descoberta (UFF)	Mariana Pereira Fernandes	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Fundação Oswaldo Cruz - RJ	2020	Sudeste

Quadro 2 - Dados da terceira busca.

Fonte: BDTD (2024).

Título	Autor(a)	Tipo	Ano	Região
7- Acessibilidade e arte na preservação do patrimônio arquitetônico: estudo do caso do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - MAC	Adriana Lucia Silva Domingues	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas	2017	Sudeste
8- Para além da acessibilidade: pensando o pertencimento e a participação dos sujeitos surdos no Museu de Arte do Rio	Vanessa Bartolo Guimarães Pereira	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Gestão da Economia Criativa da Escola Superior de Propaganda e Marketing - RJ	2020	Sudeste
9- Patrimônio cultural e acessibilidade das pessoas com deficiência no Museu das Bandeiras (MUBAN) - Cidade de Goiás ⁴	Kenia Aparecida de Moraes	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio - UEG	2021	Centro-Oeste
10- APP Incluir: acessibilidade cultural no museu Casa de Aluizio Campos	Vanessa Vera do Nascimento	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes da Universidade Federal da Paraíba	2021	Nordeste

Quadro 3 - Dados da quarta busca.

Fonte: BDTD (2024).

Título	Autor(a)	Tipo	Ano	Região
11- Deficiência Visual e Ambiente Museal: como o espaço afeta a experiência de visita ao museu	Eveline Helena Almeida de Souza	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Design, do Departamento de Artes e Design da PUC-RJ	2021	Sudeste

Quadro 4 - Dados da quinta busca.

Fonte: BDTD (2024).

Título	Autor(a)	Tipo	Ano	Região
12- A relação entre o direito à acessibilidade de pessoas com deficiência física e o controle externo exercido pelo tribunal de contas do Estado do Amazonas no Museu do Judiciário	Kleilson Frota Sales Mota	Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Direito Ambiental da Universidade do Estado do Amazonas	2022	Norte
13- O patrimônio além dos olhos: o universo do aquário Jacques Huber do Museu Paraense Emílio Goeldi para pessoas com deficiência visual	Martha do Socorro Lima de Carvalho	Dissertação ⁵ - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Pará	2023	Norte

Quadro 5 - Dados da sexta busca.
Fonte: CAPES (2024).

ANÁLISES DAS PESQUISAS

A seguir apresento o resultado geral do levantamento das teses e dissertações sobre educação, museologia e inclusão.

a) O número de teses e dissertações:

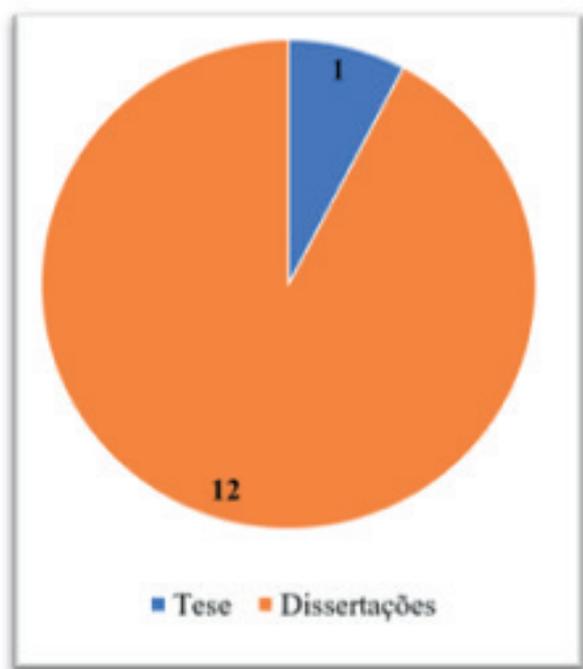


Gráfico 1 - Número de teses e dissertações.
Fonte: BDTD e CAPES (2024).

Temos os seguintes dados quantitativos: 1 tese de doutorado e 12 dissertações de mestrados que envolvem as temáticas educação, museologia e inclusão/acessibilidade.

b) As principais cidades das pesquisas:

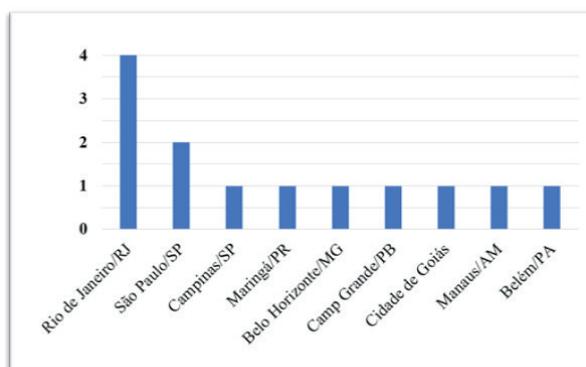


Gráfico 2 - Cidades das pesquisas.
Fonte: BDTD e CAPES (2024).

Os resultados apontam que 4 pesquisas foram feitas na cidade do Rio de Janeiro, 2 pesquisas feitas na capital São Paulo e o restante (1 em cada lugar) nas cidades de: Campinas, Maringá, Belo Horizonte, Campina Grande, Cidade de Goiás, Manaus e Belém.

c) As principais regiões das pesquisas:

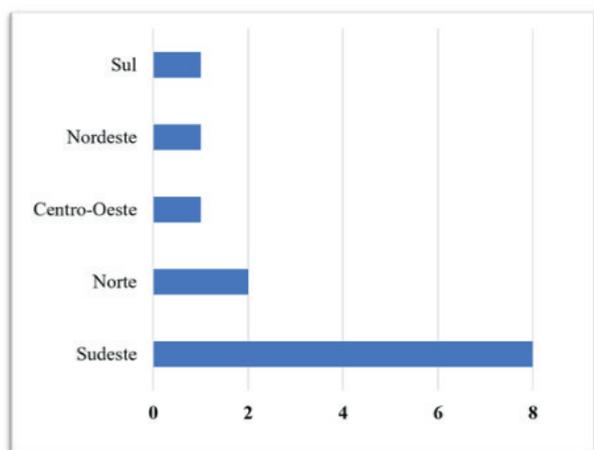


Gráfico 3 - Regiões das pesquisas.
Fonte: BDTD e CAPES (2024).

Os resultados apontam um maior número de produções na região Sudeste com 8 pesquisas. Em seguida tem-se Nordeste com 1 pesquisa; Centro-oeste e Sul com 1 pesquisa em cada região. O Norte apareceu em 2 pesquisas realizadas.

d) O público com deficiência nas pesquisas:

1-Educadores Surdos
2-Pessoas com Problemas de Mobilidade Permanente ou Temporária
3-Visitantes com Deficiência Visual
4-Pessoas com Deficiência Intelectual
5-Surdos
6-Pessoas com Deficiência Visual
7-Pessoas com Deficiência
8-Sujeitos Surdos
9-Pessoas com Deficiência
10-Pessoas com Deficiência
11-Visitantes de museu com deficiência visual
12-Pessoas com deficiência física
13-Pessoas com deficiência visual

Quadro 6 - Público com deficiência.
Fonte: BDTD e CAPES (2024).

Nesse quadro coloquei a nomenclatura utilizada pelos autores das pesquisas em seus trabalhos. Nota-se uma variação quanto a essas nomenclaturas. No gráfico a seguir utilizei a nomenclatura técnica da área da inclusão de pessoas com deficiência.



Gráfico 4 - Público com deficiência.
Fonte: BDTD e CAPES (2024).

O público com deficiência nas pesquisas é, em sua maioria, de pessoas com deficiência visual (cegos e baixa visão), neste caso 4 pesquisas referem-se a esse público. Há 3 pesquisas voltadas para a surdez/deficiência auditiva; 3 pesquisas que citam apenas a nomenclatura pessoa com deficiência sem especificar o público diretamente; 2 pesquisas voltadas às pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida e 1 pesquisa sobre pessoas com deficiência intelectual.

e) De quais campos advém as pesquisas?

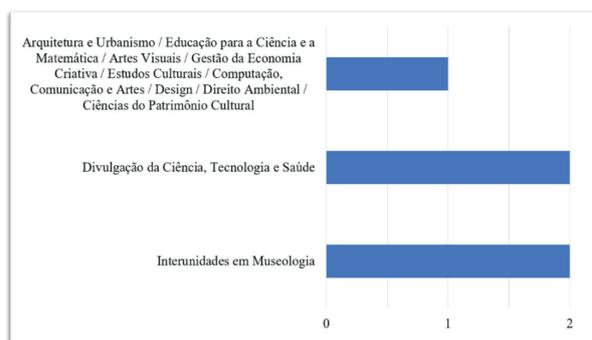


Gráfico 5 - Campos das pesquisas.
Fonte: BDTD e CAPES (2024).

As pesquisas são de vários campos ou diversos programas de pós-graduação. Há 2 pesquisas de programa em interunidades em museologia; 2 pesquisas em programa de divulgação da ciência, tecnologia e saúde. As demais pesquisas (uma em

cada programa) são de: arquitetura e urbanismo; educação para a ciência e a matemática; artes visuais; gestão da economia criativa; estudos culturais; computação, comunicação e artes; design; direito ambiental; ciências do patrimônio cultural.

f) Sobre o que se refere cada pesquisa?

Oliveira (2015) apresenta a formação de educadores surdos que atuam em programas de acessibilidade cultural em três museus da cidade de São Paulo: Pinacoteca do Estado, Museu de Arte Moderna e Museu Afro Brasil. Para isso, mostra o perfil profissional, como também os programas de acessibilidade e as instituições culturais nos quais eles atuam.

Sabino (2017) aborda o uso do Design Universal na arquitetura do espaço de exposições do museu na perspectiva da acessibilidade e da inclusão social. Tem por objetivo avaliar parâmetros de acessibilidade para concepção de projetos expositivos que resultem uma experiência de qualidade para todos, tendo em vista suas habilidades e autonomia.

Grandi (2017) por meio do estudo de caso de uma visita de pessoas com deficiência visual no ambiente de Física do Museu Dinâmico Interdisciplinar da Universidade Estadual de Maringá, pesquisa que tipo de experiência museal esse ambiente pode proporcionar para esse perfil de público, no caso, pessoas com deficiência visual.

Foronda (2022) avalia os processos de aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual em visitas educativas em museus de arte, de modo a possibilitar melhorias destes indivíduos na família e na sociedade, e consequentemente, em sua qualidade de vida. A autora entrevista educadores dos Museus de Arte de São Paulo, entre outros museus.

Fernandes (2019) realiza um estudo de caráter exploratório com o objetivo de entender em que medida os museus de ciência estão preparados para receber o público de surdos. Para isso, pesquisa em dois museus: Museu da Vida e Museu do Amanhã. Com isso, investiga quais são as iniciativas realizadas e as ferramentas utilizadas com o público surdo.

Fernandes (2020) analisa a visita de dois grupos de pessoas com deficiência visual a dois

museus de ciências universitários: o Museu da Geodiversidade (UFRJ) e a Casa da Descoberta (UFF). Identifica a acessibilidade atitudinal - a superação de barreiras - e a acessibilidade física - o toque das pessoas com deficiência visual na interação.

Domingues (2017) estuda um exemplar referencial do patrimônio edificado que foi objeto de intervenções e atualizações de acessibilidade, a saber: o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - MAC, comparando-o com os critérios e conceitos da identificação dos valores artísticos e estéticos da preservação patrimonial.

Pereira (2020) investiga um museu brasileiro localizado na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro, o Museu de Arte do Rio (MAR), analisa as ações deste museu que promovem a participação e o pertencimento de pessoas surdas usuárias da Libras e mostra como acontece a recepção e a ocupação desses sujeitos nesse espaço público.

Morais (2021) analisa a inclusão da pessoa com deficiência no espaço do Museu das Bandeiras, na Cidade de Goiás. A partir da análise de duas esferas, do espaço museal e da pessoa com deficiência. Assim, propõe ações de educação patrimonial e estabelece as principais especificidades de inclusão neste caminho.

Nascimento (2021) desenvolve um aplicativo com recursos de acessibilidade, o software "Incluir", em que utiliza a linguagem Java por meio da plataforma Android Studio. Assim, promove uma reflexão sobre a importância da acessibilidade cultural no Museu Casa de Aluizio Campos - Campina Grande - PB.

Souza (2021) analisa a experiência do visitante com deficiência visual em museus, buscando compreender a relação e a interação entre esse visitante e o ambiente construído do espaço expositivo, bem como a sua relação com as obras e as demais pessoas presentes em museus de São Paulo e Rio de Janeiro.

Mota (2022) descreve o Direito Social à acessibilidade de pessoas com deficiência. Para isso, disserta sobre o controle externo exercido pelo Tribunal de Contas do Estado Amazonas e evidencia a relevância do Controle Externo para

atingimento do desenho universal, em especial na reforma do Museu do Judiciário iniciada no ano de 2018 em Manaus.

Carvalho (2023) analisa como se dá a comunicação no aquário Jacques Huber, no Museu Paraense Emílio Goeldi, o mais antigo do Brasil, para pessoas com deficiência visual (pessoas cegas ou com baixa visão). Verifica, ainda, a acessibilidade na exposição “Baleia à vista” no referido aquário, a partir das dimensões arquitetônicas e comunicacionais.

Algumas pesquisas discutem questões específicas sobre a Inclusão/Acessibilidade da: a) pessoa com deficiência intelectual; b) pessoa com deficiência visual; c) pessoa surda/Deficiente Auditiva.

Em relação à pessoa com deficiência intelectual, por exemplo, Foronda (2022) apresenta propostas e sugestões para mediações: Mapa Mental, Jogos de palavras, Símbolos PCS (Picture Communication Symbols), Placa de sinalização, Prancha de comunicação e Prancha pictórica. Foronda (2022) pontua, ainda, que no caso das pessoas com deficiência intelectual a linguagem nos museus deve estar adequada para esse público.

Sobre pessoa com deficiência visual Grandi (2017) exemplifica as sensações táteis em experimentos criados para as visitas em espaço museal, tais experimentos são: Berço de Newton, Banco de Pregos, Gerador de Van der Graff, Transformador Redutor, Garrafa de Leyden. Fernandes (2020) identifica no Museu da Geodiversidade e na Casa da Descoberta os diversos tipos de acessibilidade: arquitetônica/física (acesso às rampas e toque em algumas molduras), atitudinal (mediadores) e comunicacional (audiodescrição). Já Souza (2021) mostra as seguintes dimensões: arquitetônica (acesso prioritário, piso de alerta e podotátil, piso/maquete tátil e elevadores); instrumental (equipamentos audiovisuais e uso de QR Code). Por fim, Carvalho (2023) mostra os visitantes explorando a exposição “Baleia à vista” por meio de: toque (sensações táteis), texto em Braille, maquete e piso táteis.

Já em relação à pessoa surda/Deficiente Auditiva Oliveira (2015) cita: eventos musicais de celebração à música - balada surda, presença de educador surdo com domínio de Libras, Maquete tátil, reprodução em auto contraste e alto-relevo,

audioguia e videoguia, audiodescrição por QR Code e Galeria Tátil de Esculturas. Fernandes (2019) identifica *tablets* com intérpretes de Libras, presença de intérpretes de Libras em alguns eventos, presença de educador surdo e educadora bilíngue, janela de Libras em algumas exposições. E Pereira (2020) cita a TV com informações que são sinalizadas por uma pessoa surda; uso de QR Code em algumas obras de exposições com informações em Libras; presença de uma educadora e uma estagiária surda com fluência em Libras.

Há pesquisas, ainda, com um foco voltado exclusivamente para a Amazônia:

Mota (2022) averigua a dinâmica das relações sociais que envolvem as pessoas com deficiência física e a concretização da normatividade pela atuação do Tribunal de Contas no Museu do Judiciário. Com base em todo o estudo empreendido, percebe que a atuação fiscalizatória do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas visando à garantia de um meio ambiente acessível é imprescindível à concretização de nosso bloco de constitucionalidade e a à efetivação dos compromissos estabelecidos no Estatuto da Pessoa com Deficiência

Carvalho (2023) menciona, a partir do relato dos visitantes, a importância do uso de: texto em Braille, mesmo com sugestões de outros recursos de leitura como a caneta leitora; áudio descrição com ou sem *qr code*; réplicas; piso tátil existente para locomover no espaço; e maquete tátil bidimensional, que tem a função de orientar o visitante. Mostra, ainda, os pontos com necessidade de aprimoramento da exposição: a presença de maquete 3D para compreender o prédio e seus detalhes arquitetônicos; a presença de um mapa tátil localizado na entrada do aquário; a formação continuada dos recepcionistas para acolher e pré-informar o visitante com deficiência visual e o uso de fontes ampliadas ou lupa para visitantes com baixa visão no aquário Jacques Huber e no Museu Goeldi.

CONCLUSÃO

Este texto fez o cruzamento dos seguintes campos temáticos: educação, museologia e inclusão/acessibilidade. O objetivo central foi firmar um debate teórico por meio de um processo analítico de investigações sobre museus inclusivos/

acessíveis da Amazônia Paraense. Para isso, foi feito um levantamento das teses e dissertações no portal da BDTD e da CAPES entre os anos de 2014 a 2024.

Com a pesquisa foi possível concluir que há a incipiência de investigações, no âmbito das pós-graduações *stricto sensu*, que interconectem o campo da inclusão e da acessibilidade ao campo da museologia na Amazônia paraense. Inclusive, segundo a investigação, o PPGArtes, o PPHIST e o PPGA da UFPA, ainda, não efetivaram pesquisas que analisem as formas de inclusão e de acessibilidades nos museus aqui de nossa região amazônica. Encontrei uma pesquisa (artigo científico) no PPGPatri da UFPA.

Na Amazônia paraense, segundo o levantamento realizado, não há pesquisas nos programas de pós-graduações que mapeiem os tipos de museus e as suas respectivas práticas educativas voltadas à inclusão e à acessibilidade para todas as pessoas com deficiência das principais cidades do Pará. Por isso, penso que olhar para a realidade paraense, por meio de pesquisas nas pós-graduações, é condição *sine qua non* para o fortalecimento das práticas inclusivas e acessíveis nos ambientes museais de nossa região.

Os resultados da investigação mostram um maior número de produções (oito pesquisas) na região Sudeste, sendo que o foco maior das pesquisas encontradas é a acessibilidade voltada a pessoa com deficiência visual (cegos e baixa visão). Por isso, é relevante o fomento de linhas investigativas que foquem em todas as deficiências e que revelem como os museus da Amazônia paraense estão se organizando para receber essas pessoas.

NOTAS

1. Britto (2020) apresenta quatro exemplos de patrimônios musealizados de Belém: 1) Museu do Forte do Presépio; 2) Espaço Cultural Casa das Onze Janelas (ambos no Bairro: Cidade Velha); 3) Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi (Bairro: São Brás); 4) Jardim Botânico da Amazônia Bosque Rodrigues Alves (Bairro: Marco).

2. Adentrei ainda no portal de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em História (PPHIST) da UFPA e não encontrei

nenhum resultado. Já no portal do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da UFPA, embora haja dissertações e teses sobre museus comunitários em bairros periféricos, museus nos espaços universitários e museus em comunidades quilombolas, não há pesquisas sobre inclusão e acessibilidade em museus para pessoas com deficiência.

3. Para fazer essa busca precisei, de forma antecipada, dialogar com alguns professores/pesquisadores no Facebook acerca da temática. Assim, indicaram-me a averiguar o portal da Capes. Já nesse portal fiz várias tentativas cruzando diferentes descritores, exemplo: Acessibilidade, Deficiência, Inclusão, Amazônia, Norte, Museu e Museologia.

4. A cidade de Goiás (também conhecida como Goiás Velho) é um município brasileiro situado no estado de Goiás.

5. Essa pesquisa foi a única pesquisa que não tive acesso ao texto completo em formato de dissertação. O referido programa de pós-graduação aceita como trabalho de conclusão de curso a agregação de artigos científicos - no mínimo 01 (um) artigo submetido a revistas avaliadas pelo Qualis (CAPES).

REFERÊNCIAS

BRITTO, Rosangela Marques de. Pesquisa “Noções nativas de patrimônios musealizados em Belém”. **Mouseion**, Canoas, nº 37, p. 161-181, dez. 2020. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/6619>>. Acesso em: 08 mai. 2024.

BRULON, Bruno; MAGALDI, Monique Batista. Museus e Museologia: aportes teóricos na Contemporaneidade. **Museologia & Interdisciplinaridade**. v.9, n.17, p. 12-18, jan./jul. de 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31587>>. Acesso em: 09 mai. 2024.

CARVALHO, Martha do Socorro Lima de. **O patrimônio além dos olhos: o universo o aquário Jacques Huber do Museu Paraense Emílio Goeldi para pessoas com deficiência visual**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Patrimônio Cultural),

Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém-Pará, 2023. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/18379>>. Acesso em: 09 mai. 2024.

DOMINGUES, Adriana Lucia Silva. **Acessibilidade e arte na preservação do patrimônio arquitetônico:** estudo do caso do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - MAC. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais), Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/990775>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

FERNANDES, André Fillipe de Freitas. **A inclusão de surdos em museus de ciência:** um estudo no Museu do Amanhã e no Museu da Vida. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/45914>>. Acesso em: 10 mai. 2024.

FERNANDES, Mariana Pereira. **A experiência de pessoas com deficiência visual:** A acessibilidade e a inclusão no Museu da Geodiversidade (UFRJ) e na Casa da Descoberta (UFF). Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde), Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46024>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

FORONDA, Larissa. **Possibilidades de aprendizagem de Pessoas com Deficiência Intelectual nos Museus de Arte Brasileiros.** Dissertação (Mestrado em Museologia), PPGMus, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/003125658>>. Acesso em: 11 mar. 2024.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições Sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v.18, n.39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

GRANDI, Samira Cassote. **Experiência de visitantes com Deficiência Visual na sala de física do Museu de Ciências da Universidade Estadual de Maringá.** Dissertação (Mestrado em

Educação para a Ciência e a Matemática), Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4449>>. Acesso em: 11 fev. 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORAIS, Kenia Aparecida de. **Patrimônio cultural e acessibilidade das pessoas com deficiência no Museu das Bandeiras (MUBAN) - Cidade de Goiás.** Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio), PROMEP, Universidade Estadual de Goiás. 2021. Disponível em: <<https://www.btd.ueg.br/handle/tede/1163>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

MOTA, Kleilson Frota Sales. **A relação entre o direito à acessibilidade de pessoas com deficiência física e o controle externo exercido pelo Tribunal de Contas do Estado do Amazonas no Museu do Judiciário.** Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental), PPGDA, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022. Disponível em: <<https://pos.uea.edu.br/data/area/publicacoesoficiais/download/43-21.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

NASCIMENTO, Vanessa Vera do. **APP Incluir:** acessibilidade cultural no Museu Casa de Aluizio Campos. Dissertação (Mestrado em Computação, Comunicação e Artes), Centro de Informática, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26046?locale=pt_BR>. Acesso em: 12 abr. 2024.

OLIVEIRA, Margarete de. **Cultura e inclusão na educação em museus:** processos de formação em mediação para educadores surdos. Dissertação (Mestrado em Museologia). Departamento de Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-12112015-165232/pt-br.php>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

OLIVEIRA, Nadison Gomes de. **O potencial da cultura material na educação museal sobre formas de violência na Amazônia.** Dissertação (Mestrado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do

Pará, 2023. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1DhYwI9E30seBHmqEpDankIOJj5MASdwn/view>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes de; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Rupturas com a colonialidade do ser deficiente: por uma pedagogia decolonial anticapacitista nos preceitos de Paulo Freire. **Revista Interterritórios**, Caruaru, v.9, n.18, p. 1-29, set. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/258979/44636>>. Acesso em: 11 mai. 2024.

PEREIRA, Vanessa Bartolo Guimarães. **Para além da acessibilidade:** pensando o pertencimento e a participação dos sujeitos surdos no Museu de Arte do Rio. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa), Escola Superior de Propaganda e Marketing, Universidade, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://tede2.espm.br/handle/tede/556>>. Acesso em: 12 mar. 2024.

SABINO, Paulo Roberto. **Design universal na arquitetura de exposições museológicas:** aspectos inclusivos sob a perspectiva do público. Tese (Doutorado Arquitetura e Urbanismo), Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AU9PSA>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SOUZA, Eveline Helena Almeida de. **Deficiência visual e ambiente museal:** como o espaço afeta a experiência de visita ao museu. Dissertação. (Mestrado em Artes e Design), Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=53201@1>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. A Museologia e os Museus. **Museologia & Interdisciplinaridade**. v.9, n.17, p. 158-161, jan./jul. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31601/26142>>. Acesso em: 13 mai. 2024.

SOBRE O AUTOR

Huber Kline Guedes Lobato é Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (UEPA), vinculado à Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Professor do Magistério Superior (Adjunto I) do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor de Língua Brasileira de Sinais - Sexto PROLIBRAS. Tradutor / Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - PROLIBRAS 2010. Especialista em Educação Especial pela Faculdade de Educação Montenegro - FAEM/2010. Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia - UFPA/2006. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (GEPESUR) e membro do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). Atua como professor e coordenador do Curso de Letras-Libras da UFPA.

E-mail: huberkline@gmail.com

Recebido em: 14/08/2024

Aprovado em: 04/11/2024